

## UM HERÓI DA GUERRILHA PELAS LENTES DE JJ LEANDRO

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>1</sup> 

**Resumo:** Este trabalho analisa contos do escritor JJ Leandro, nascido no sul do Maranhão, romancista, contista e poeta, que organizou uma sequência de narrativas da memória que tematizam a Guerrilha do Araguaia (1972-1975), priorizando em seus relatos duas figuras icônicas da resistência à ditadura militar, os militantes do PCdoB Osvaldão e Dina. Priorizamos aqui os contos que corroboram o status de mito conferido a Osvaldão por moradores da região do Araguaia. Como autor de literatura de testemunho, JJ Leandro empresta seus ouvidos ao que se contava sobre o herói negro no enfrentamento das forças militares. Como fundamentação teórica, além de estudos do testemunho, o artigo mobiliza categorias da semiótica discursiva. **Palavras-chave:** Guerrilha do Araguaia. Literatura de testemunho. Semiótica discursiva. Memória e resistência.

### A GUERRILLA HERO THROUGH THE EYES OF JJ LEANDRO

**Abstract:** Many teachers still need to answer the old question posed to Marc Bloch (2002), what is history for. And there are, on the other hand, those who are convinced that history, like art and philosophy, does not need and should not be useful. This old dilemma sustains those odious classes that Murilo Mendes (apud NADAI, 1993) spoke about at the beginning of the 20th century. In this article, which socializes research and teaching experience, it starts from the criticism of the asepsis of the curriculum in relation to rural people to propose memory as a possibility of resignifying the teaching of history, a foundation whose reference is the postulates of Rüsen (2006; 2015) and Paulo Freire (1987; 2008). This implies that it is necessary, especially in the context of basic education planned and carried out in the countryside, to make efforts to guarantee rural people, especially the peasant people of Araguaia-Tocantins, marked by State violence, the right to the past. It was in this context that the document Right to Memory and Truth prepared by the Special Commission on Political Deaths and Disappearances (BRASIL, 2007), resulting from the contribution of subjects and institutions, with repercussions on the Inter-American Court of Human Rights, understood the guarantee of memory as a form of reparation for violence, for what we understand, education can and should also contribute.

**Keywords:** Araguaia Guerrilha. Testimonial literature. Discursive semiotics. Memory and endurance.

### UN HÉROE GUERRILLERO A TRAVÉS DEL LENTE DE JJ LEANDRO

**Resumen:** Este trabajo analiza los cuentos del escritor JJ Leandro. Nacido en el sur de Maranhão, novelista, cuentista y poeta, JJ Leandro organizó una secuencia de relatos de memoria que tematizan la Guerrilha do Araguaia (1972-1975), priorizando en sus relatos dos figuras icónicas de la resistencia a la dictadura militar, Los militantes del PCdoB Osvaldo y Dina. Priorizamos aquí los relatos que corroboran el estatus de mito otorgado a Osvaldão por los habitantes de la región de Araguaia. Como autor de literatura testimonial, JJ Leandro presta sus oídos a lo dicho sobre el héroe negro frente a las fuerzas militares. Como fundamento teórico, además de los estudios del testimonio, el artículo moviliza categorías de semiótica discursiva.

**Palabras clave:** Guerrilla do Araguaia. Literatura testimonial. Semiótica discursiva. Memoria y resistencia.

<sup>1</sup> Mestra e doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLIT/UFNT). Líder do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins. Bolsista CNPq PQ2. E-mail: luiza.to@uft.edu.br.

## Introdução

– Trazei ouro, prata, especiarias  
e muitas pedras preciosas;  
trazei também  
histórias fantásticas  
que de tão incríveis  
pareçam duvidosas.  
JJ Leandro, In: *Quase ave*.

[...] a verdade do passado remete  
mais a uma ética da ação presente que  
a uma problemática da adequação  
(pretensamente científica) entre  
“palavras” e “fatos”.  
Jeanne Marie Gagnebin, In: *Lembrar  
esquecer escrever*

Este trabalho analisa quatro contos de José Leandro Bezerra Júnior, que assina suas publicações como JJ Leandro. Nascido em 1960 em Carolina, cidade situada ao sul do Maranhão, vive há algumas décadas em Araguaína, norte do Tocantins. Dentre suas publicações, destacam-se *Memórias de Petelico* (crônicas, 2011), *A morte no bordado* (romance, 2009), *Quase ave* (poesia, 2002). Os textos selecionados para análise foram publicados no *Facebook*<sup>2</sup>, como partes de uma série de narrativas que serviriam para um projeto de publicação de livro dedicado à memória da Guerrilha do Araguaia. Não tendo levado a cabo esse projeto, destinou os contos para um livro que se encontra em organização, reunindo narrativas sob a mesma temática por diferentes autores da região (RAMOR JR.; SILVA, 2022).

Nos quatro contos, a memória é mobilizada para recuperar percepções da infância do narrador, então menino na cidade de Araguaína, testemunha do intenso movimento de tropas militares atravessando a região à captura dos militantes do PCdoB nos anos de 1972 a 1975. No exercício de memória, misturam-se narrativas oriundas de diferentes vozes que construíam junto ao povo a figura de militantes do PCdoB como heróis que alcançavam uma aura quase mítica. Sob essa perspectiva, os contos selecionados para esta análise dizem respeito ao personagem Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, intitulados *Osvaldão – Parte I*, *Osvaldão – Parte II*, *Osvaldão – O fim*, e *Uma guerra contra nós*, que fala da apreensão de meninos que interrompem um jogo de futebol ao observarem o longo cortejo de carros blindados rumo a Xambioá, onde se instalaria uma base militar.

<sup>2</sup> Cf. <https://www.facebook.com/jjleandro>

Osvaldão (1933-1974) era comandante de um dos destacamentos dos militantes comunistas na região do Araguaia. Com quase dois metros de altura, ex-lutador de boxe, tinha sido oficial do Exército. Estudou Engenharia Elétrica na antiga Tchecoslováquia e foi um dos primeiros a chegar ao sudoeste do Pará onde se organizaria o movimento de resistência de base camponesa contra a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Conforme Moraes e Silva:

No imaginário a população, Osvaldão adquiriu fama de imortal. Os soldados inexperientes temiam de pavor quando ouviam histórias sobre o gigante invencível. Os agentes secretos caçavam o comandante negro e ofereciam recompensa para quem informasse seu paradeiro. [...] A Marinha registra a morte em 7/2/74. O corpo foi içado pelo helicóptero e mostrado em toda região antes de ser levado para a Base de Xambioá. (MORAIS; SILVA, 2005, p. 579)

Figura tornada mito entre os camponeses, foi morto por um tiro de carabina, teve a cabeça decepada e seu corpo exibido por um helicóptero que sobrevoou a região como grotesca exibição de triunfo dos militares e intimidação dos camponeses. Seus restos mortais, como o de muitos outros assassinados, não foram encontrados. É dessa narrativa do herói que trata nossa análise, sob a perspectiva da literatura de testemunho, a partir da mobilização de categorias da semiótica discursiva.

Se há um campo em que as pesquisas semióticas parecem ter conseguido estabelecer seus domínios é o da organização sintagmática da significação. Não se trata, certamente, nem de um saber absoluto nem de aquisições definitivas, mas de uma maneira de abordar o texto, procedimentos de segmentação, do reconhecimento de algumas regularidades e sobretudo de modelos de previsibilidade da organização narrativa, modelos que se aplicam, em princípio, a todo tipo de textos e, mesmo à sequência de extrapolações que parecem justificadas, encadeamentos mais ou menos estereotipados de comportamentos humanos. (GREIMAS, 1976, p. 7)

A semiótica fornece aqui, pois, elementos para a descrição dos processos mobilizados pela narrativa, concentrando-se na performance de Osvaldão, herói transformado por força de seus atos e/ou do que se disse sobre seus atos, em mito. De modo mais específico, mobilizamos o conceito de “acontecimento” e os elementos que remetem ao que a teoria compreende como sintaxe narrativa.

### **A literatura que testemunha**

De início, a literatura de testemunho pareceu às voltas com movimentos que interpelavam seu duplo caráter, produzindo desconfiança por parte dos críticos literários, que punham em xeque o caráter propriamente literário e, por outro lado, por

historiadores alinhados a uma perspectiva tradicional, que questionam seu caráter documental, julgando o testemunho atravessado demais pela subjetividade para atender ao estatuto de seu fazer científico.

A respeito da emergência de um novo gênero de autores, escreve Coquio, ao tratar dos relatos referentes ao extermínio de judeus na II Guerra, a Shoah:

Para o único gueto de Varsóvia, muitos diários restaram, traduzidos na França do polonês ou do iídiche durante os anos sessenta e setenta, sobretudo de: Mary Berg, Chaïm Kaplan, Abraham Lewin, E. Ringelblum, J. Korszack, Hillel Seidman, Adam Czerniakow... Ao lado dessas crônicas, muitos diários, memórias, poemas, romances, canções, vieram à luz durante a Shoah e logo após, sob a pena de autores nem sempre confirmados, totalmente desconhecidos, que jamais tinham escrito até então. Seus autores tinham na maior parte das vezes desaparecido, encontrados seus manuscritos após a guerra, frequentemente em caixas enterradas. Um dos textos mais impressionantes, considerando as condições de escrita e de conservação, é a série de testemunhos dos membros do Sonderkommando d'Auschwitz, encontrados em recipientes enterrados nos crematórios e publicados sob o título *Megilat Auschwitz, Le Rouleau d'Auschwitz*. O caso do texto de um dos autores, Zalman Gradowski, é de um teor particular: é evidentemente um poema, concebido e composto como tal por um homem que não era poeta. (COQUIO, 2003, p. 345)

De fato, a necessidade de narrar o acontecimento mobiliza sujeitos que não teriam adquirido antes o status de escritores, mas que foram compelidos a narrar, não o fazendo por razões de ordem estética, mas por um dever moral. Além disso, conforme Gagnebin (2009), mais do que pensar em fatos e palavras acertadas para dizer a verdade, o que está em questão é uma ética do presente, que compromete sujeitos com a memória daquilo que não pode ser esquecido ou denegado, ainda mais quando entra em cena a perspectiva negacionista, que, no caso da Shoah, nega o extermínio de judeus, ciganos e homossexuais pelos alemães liderados por Hitler, enquanto, no caso brasileiro, menospreza a gravidade da violência do Estado sob o regime da ditadura (1964-1985), traduzindo-a como “ditabranda”<sup>3</sup>.

Nos últimos anos, em função de um interesse literário e político, temos nos dedicado a estudar produções que tematizam a ditadura militar, considerando principalmente as que dizem respeito à Guerrilha do Araguaia, o que sinaliza movimento em duas frentes. A primeira é a que se faz a partir da leitura de produções de autores que não são nem vivem no Norte, escrevendo a partir de um trabalho de pesquisa sobre os acontecimentos que tiveram lugar no então Norte de Goiás, hoje

<sup>3</sup> Expressão empregada por editorial da Folha de São Paulo, em 2009, conforme denunciou o jornalista Leonardo Sakamoto. Cf. <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2009/02/22/o-bizarro-caso-da-ditabranda/> Acesso em: 17 jun. 2022.

Tocantins, e sul do Pará – como *Azul corvo*, de Adriana Lisboa (2010), *Palavras cruzadas*, de Guiomar Grammont (2015), *Antes do passado*, de Liliane Haag Brum (2012). Uma segunda frente remete à leitura de autores da região e que, de algum modo, participaram como testemunhas e falam, assim, a partir da memória do vivido e/ou de uma memória coletiva, socialmente compartilhada, como é o caso dos contos de JJ Leandro.

No Tocantins, o autor de maior expressão nacional é Pedro Tierra<sup>4</sup>, que, membro da Aliança Libertadora Nacional (ALN), será preso pelo regime militar, passando por presídios de Goiânia, Brasília e São Paulo. Será nesses anos de clausura e tortura (1972-1977) que iniciará sua produção poética que dá testemunho do que viveu, sentiu e sofreu no período. Em *Pesadelo* (2019), Tierra narra sob o viés ficcional a experiência desses anos de terror, reunindo contos em que circulam diferentes personagens, um deles o líder camponês José Porfírio, que desaparece em 1973 ao deixar a prisão em Brasília. Nos contos, porém, não há menção à guerrilha.

Como nos conta em evento *online*<sup>5</sup>, as notícias sobre o que acontecia na região do Araguaia chegavam ao presídio do Carandiru, um dos locais onde fora encarcerado, por um pequeno e clandestino rádio de pilha. Ali, em 1974, dedica aos guerrilheiros o poema *Ponto de chegada* (TIERRA, 2009, p. 59). Nos versos que falam da “guerrilha que tomou o rumo do norte”, o poeta remete à condição dos militantes que deixam tudo para trás, embrenhando-se na selva pela esperança de uma revolução. Sem os hábitos do conforto e munidos de certezas de transformação, levavam apenas o necessário para a luta: “a rede, o sal, o amor ao povo”. Pelas prisões por que passou, encontrará José Genoíno Neto, militante preso no Araguaia em 1974.

Conforme Lacoste, o paradigma do que se compreende como literatura de testemunho seria encontrado em trabalhos como *É isto um homem?*, do italiano Primo Levi, que traz relatos sobre sua experiência em campos nazistas na II Guerra. Sob essa perspectiva, considera-se como testemunho:

um documento que comporta o relato verídico em prosa e na primeira pessoa, dos sofrimentos físicos e morais suportados por um sobrevivente que assume o papel de testemunha e descreve, claramente e sobriamente, o que viu, compreendeu, sentiu ou pensou no contato com a morte e sob as torturas que lhe

<sup>4</sup> Pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva, natural de Porto Nacional (1948).

<sup>5</sup> Mesa-redonda Testemunhos Literários, no III SIELL – Simpósio de Estudos Linguísticos e Literários: 50 anos da Guerrilha do Araguaia, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPLIuFOIHMk>

foram infligidas pelo homem, a fim de que as gerações futuras, melhor instruídas, sejam poupadas. (LACOSTE, 2007, p. 2)

Tierra opta aqui e ali pela primeira pessoa, elabora narrativas em prosa, traduz por estratégias enunciativas diversas o efeito de realidade, mas, como adverte já no início de *Pesadelo*, trata-se de um trabalho ficcional, a memória sendo revisitada e reinventada pela escrita literária, o que também lhe permite narrar o que poderia ser compreendido como pertencente à ordem do inenarrável, como as muitas cenas de terror e tortura. Trata-se de uma modalidade de testemunho, mas sem o *status* quase jurídico que adquirem as produções literárias que se ocupam de relatar o vivido com a objetividade que produz como efeito a fidelidade aos acontecimentos por parte de um sobrevivente que assume, para si, o dever de contar. Move tanto Levi quanto Tierra, o compromisso ético de não deixar esquecer o que não pode ser esquecido, ambos se valendo tanto de prosa quanto de poesia.

A pesquisa que desenvolvemos parte do pressuposto de um quase silenciamento em torno da ditadura por parte da produção literária dos autores no Tocantins. Como “vício nefando” a ser “extirpada” para que não “suscitasse imitadores”, conforme as palavras de Jacob Gorender (2014, p. 240), a Guerrilha do Araguaia (1972-1975), um dos acontecimentos que mais caracterizam o furor dos anos de chumbo no país, pareceu-nos inicialmente obscurecida pela quase ausência de textos que servissem de “testemunho” das ações militares contra militantes, camponeses e indígenas do Norte do estado.

Não só a Guerrilha se apresentava a nós como ignorada por essa produção, como também os demais acontecimentos que envolveram a ditadura, como se ela por aqui não deixasse rastros necessários de nota por parte dos autores. Os poucos registros literários aparecem como menção marginal em contos que elegem outros temas como centrais, com traços que traduzem elíptica e muito discretamente o que aconteceu na região, como se dá nos contos e crônicas de Angelo Bruno e José Francisco Concesso (SILVA, 2020a, 2020b).

O goiano Carmo Bernardes, com *Xambioá paz e guerra* (2005), antevendo sanções por parte de uma democracia na qual não se pode muito confiar, só teria autorizado a publicação de seu romance após sua morte e um registro que poderia ser considerado propriamente testemunhal encontramos na novela *Xambioá: guerrilha do Araguaia* (1993), escrita por Pedro Corrêa Cabral. Este, um militar da Aeronáutica, hoje coronel da reserva, participou nos anos 1970 das ações na região ao lado das forças do



governo e é, pois, a partir de sua evidente filiação ideológica, que narra os acontecimentos. Embora, conforme nota introdutória, assuma ter sido testemunha de um massacre ao qual assistiu impotente, recorre à perspectiva assumida pelos militares na Lei da Anistia, sem pretender que seu texto sirva para “lançar culpas, ou de buscar bodes expiatórios e de clamar por punições”, na medida em que “o tempo se encarregou de prescrever tais crimes.” (CABRAL, 1993, p. 5).

Seria um exemplo de testemunho do algoz que, para alguns, adquire maior estatuto de verdade do que o daqueles que foram suas vítimas (RASTIER, 2010). Camponeses, indígenas, trabalhadores da região diretamente vitimados pela violência não encontraram condições de escrever. Certamente a presença ostensiva de militares na região serve ainda hoje como força de intimidação e, por fim, podemos encontrar razões para os poucos relatos literários pelo próprio desinteresse por parte de quem tem os meios de narrar e publicar, ficando à parte desse compromisso com a memória.

Considerando os contos de JJ Leandro, evidenciamos a perspectiva de testemunho defendida por Gagnebin (2009). Retomando Primo Levi, Gagnebin propõe a ampliação da noção de testemunha para abarcar aquele que não necessariamente esteve lá, no *locus* dos acontecimentos, mas que se põe disponível à escuta de quem narra, abrindo-se à possibilidade de ecoar essa voz:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2009, p. 57)

Gagnebin remete ali ao pesadelo de Primo Levi, aterrorizado pela ideia de que não houvesse interesse em escutar o que tinha a dizer como testemunha. Há razões para esse temor, na medida em que, como informa Rastier (2010), demorou quase quarenta anos para que se publicasse uma tradução francesa de *É isto um homem?*, enquanto falsos testemunhos, mesmo desmascarados, continuam seduzindo leitores pelo sentimentalismo, passando longe da exigência ética que caracteriza o testemunho.

Seguindo o raciocínio de Gagnebin, os contos de JJ Leandro podem ser considerados como literatura de testemunho, atestando o que foram as ações militares no então norte de Goiás, mas sobretudo, o modo como a população de Araguaína tinha dela notícia num momento de forte censura midiática, replicava-a de boca em boca,

acrescentando nuances e tomando partido. Seus textos traduzem a percepção da gente do lugar sobre os acontecimentos e a forma como continuaram produzindo sentidos, a despeito do temor imposto pela censura e pelas forças de intimidação.

Ao mesmo tempo, evidencia a fragilidade da adesão política, que mal compreende que forças estavam em combate. Ao final, essa mesma população já dava mostras de desinteresse pelo rumo dos acontecimentos de natureza política, distraída com o que lhes parecia mais relevante: os jogos de futebol, na Copa de 1974. A tonicidade das narrativas se desfaz, substituindo o herói negro das selvas do Norte por heróis de bola e de gol, distraindo o olhar de brasileiros com o bem-comportado nacionalismo verde-amarelo, que tão bem serviu à ditadura.

### A presença militar

Como já indicam os títulos dos três primeiros contos, trata-se de uma sequência que já anuncia o final da história. O primeiro se inicia com os acontecimentos relativos a 1973 e o terceiro se encerra com o anúncio da morte do guerrilheiro Osvaldão, em 1974. *Uma guerra contra nós* fala do impacto sobre os meninos, atordoados com a inesperada aparição de militares seguindo rumo ao Araguaia. Começamos a falar deste último, porque caracteriza bem essa aparição como acontecimento para os jovens moradores de Araguaína:

No dia em que vimos o exército passar a primeira vez em Araguaína, havia jogo de futebol no campinho ao lado da Transbrasiliana. Ali aos domingos a meninada do Entroncamento se reunia para a pelada matinal. Depois da missa, a molecada corria para casa onde num instante trocava a roupa domingueira por calções e meias. A agitação do vento nas folhas do babaçual aplaudia nossas belas jogadas e gols. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

O conto se inicia com o anúncio do que pareceu aos espectadores um acontecimento extraordinário, valendo-se do emprego do verbo “ver” no pretérito perfeito: “vimos”. São, pois, os sentidos da visão afetados por uma súbita aparição. Esse dia único, ainda impreciso quanto a uma data, é digno da memória registrada pelo narrador de primeira pessoa. A singularidade do evento traduz a ruptura com a continuidade e a previsibilidade de uma sequência de domingos, efeito produzido pela reiteração do emprego de verbos no pretérito imperfeito (havia, corria, trocava, aplaudia).

Pela perspectiva do narrador, o prazer tranquilo esperado pelo encontro no campinho ao lado da empresa de ônibus será interrompido em função de algo



excepcional para os olhos de quem, naquele instante, observava o movimento na rodovia. Segue a narrativa com descrições que caracterizavam esses encontros de meninos aos domingos, o modo como se reuniam rotineiramente até, novamente, retomar o relato do acontecimento:

Estávamos preparando nosso time para uma dessas pejeas quando o exército passou na BR 153. Quem viu primeiro deu um grito que chamou atenção de todo mundo que estava no campinho. Eu assustei-me, pensei logo: "porra, esqueceram a bola!" Nada disso, era o exército que passava com solene gravidade. Rapidamente a partida perdeu importância. Os olhos de jogadores e torcida voltaram-se para a estrada asfaltada que passava no aterro alto, único asfalto em toda cidade naquele ano de 1972. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

O efeito sob os meninos é o de espanto, a que se segue uma necessidade de produzir sentido para aquele movimento inesperado de automóveis do Exército. A bola é deixada de lado para seguir o lento movimento militar e a pejea do futebol é substituída pelo temor de uma outra pejea anunciada pela solene gravidade. Como dirá mais adiante, a visão deixa os barulhentos meninos mudos e perplexos, sem poder, de súbito, compreender o que se passava. A alegria inicial transmuta-se em medo. Contra quem aquele cortejo lutaria? Quem seriam os inimigos a serem derrotados pela pesada maquinaria militar?

Passamos longos minutos extasiados, mudos e perplexos com tamanha maquinaria de guerra. Para nós de tão longínqua cidade perdida nos confins do cerrado do Brasil Central, cuja quase totalidade dos veículos que víamos eram caminhões em trânsito na BR, aquilo tudo era de uma beleza assustadora. Por isso a garotada exprimia no rosto, após algum tempo do aparecimento dos carros militares, num lento processo de transformação, não mais a alegria do encontro esportivo que o futebol proporcionava, mas um medo latente de que sua família pudesse ser atingida por gente vinda de tão distante. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

JJ Leandro fala da novidade traduzida por uma “beleza assustadora”, que comove aos jovens espectadores. A euforia cede lugar à disforia, pela instauração do medo, dado pelo não saber que se projeta sobre um futuro próximo: o de que a família fosse atingida pelos militares.

O narrador fala, então, de sua corrida para casa, do desespero com que vai até ao pai, temeroso de que os inimigos daquela gente fossem os seus. O pai o conforta, explicando tratar-se de guerrilheiros mais ao Norte, onde residiam parentes, mas que não seriam incomodados pelas forças de repressão. Para o pai, não há surpresa, mas um saber já construído sobre os movimentos de repressão. Aquieta o coração do filho, que

termina por concluir que não poderiam confundir as árvores frutíferas de sua casa com a mata que abrigava os comunistas.

Como construção do presente, a memória é reconstituída aos poucos, por partes, que podem articular-se numa sequência narrativa maior. Reconstroí, nesse exercício, o que houve no passado, menino entre meninos, ávido por saber dos eventos que vão impactar a vida daquela cidade “perdida nos confins do cerrado do Brasil Central”. Ainda como fazer do presente, o trabalho de memória vai possibilitar, pelas escolhas enunciativas, enunciar sua posição, refletindo como adulto os acontecimentos de outrora e assumindo um lado da história, aquela que reconhece que os caçados como terroristas eram de fato os que lutavam pela democracia, sendo o terror exercido pelo Estado. A guerra, conforme anuncia no título, seria “contra nós”.

É o presente que recorta o que do vivido é ainda impactante a ser retomado pela narrativa e o que nessa infância constituiu-se como acontecimento. Cabe ao narrador que rememora trazer as figuras que reconstituem para o narratário a tonicidade do acontecimento, considerando como tal o evento que impacta de modo inesperado e repentino o sujeito sensível, aquele que viveu e testemunha. Em termos semióticos, o acontecimento corresponde ao que, num dado momento, advém com potência capaz de comover de modo surpreendente o sujeito do sofrer.

Lembrar é, pois, retomar num esforço de reconstrução do instante em que, para o sujeito da memória, ainda se mostra vívido pelo seu caráter afetante. Conforme Silva, “para a possibilidade da memória é necessário, portanto, retomar aquilo que de certo modo ainda não se encontra totalmente anestesiado, no caminho contrário ao da atenuação, visando ao restabelecimento do que aconteceu” (SILVA, 2016, p. 150). Ao escritor resta a mobilização de estratégias enunciativas e discursivas que visem a dar cor e alma ao que percebeu e sentiu como testemunha do inusitado.

Conforme Zilberberg (2011), o acontecimento é de natureza concessiva, imprevisível, não podendo ser apreendido senão como “algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo”. É o que se mostra no relato dos meninos que, aos poucos, vão transformando alegria em medo, a euforia do encontro previsto em suas agendas de domingo em inquietação. Sem poder ser antevisto, tal como se dá no encadeamento previsível dos fatos, instaura-se como uma imediaticidade atordoante, na qual, “quando a coisa acontece, já é tarde demais!” (ZILBERBERG, 2011, p. 169).

O mesmo efeito não se dá com o pai, porque este seria dotado de um saber prévio, não necessariamente ligado a conhecimento anterior sobre movimentação militar, mas à compreensão de que poderia advir como repressão. Era, afinal, uma ditadura, eram essas suas armas e já se tinha de antemão definido quem seria o inimigo – ainda que essa categorização se estendesse a gente que de nada sabia para tomar posição (SILVA, 2016).

### **Osvaldão, o herói**

O narrador de primeira pessoa traz à tona reminiscências da infância, quando chegavam a ele e companheiros de escola os ecos da guerra travada entre poucas dezenas militantes do PCdoB e milhares de militares. Conforme o narrador, a população da localidade onde se encontravam ele e demais meninos, Araguaína, tomava partido do grupo mais frágil. Com a forte censura imposta pela ditadura, as informações traduziam-se como boatos, que acrescentavam nuances a partir da perspectiva de quem assumisse o papel temático de narrador e edificavam, principalmente Osvaldão e Dina, como mitos. Os dois grandes heróis do estágio final do malfadado movimento guerrilheiro eram Osvaldão e Dina:

Embalados pelo vento seus feitos cresciam da selva às cidades, onde alcançavam os ouvidos dos habitantes para serem ainda mais aumentados e exaltados pela franca solidariedade ao contendor mais fraco. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

O anúncio do fim do movimento de luta contra a ditadura se apresenta já pelas frases que introduzem o primeiro conto:

A Guerrilha do Araguaia arrastava-se para o fim após 1973. O exército prendera ou matara a maioria dos combatentes. Alguns poucos ainda lutavam embalados por grande valentia e qualidade pessoal. A hercúlea resistência oferecida envolvia-os em aura mítica que fugia ao controle da tenaz censura do exército, chegando à população com nuances epopeicas. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

Pela seleção lexical, observamos que também, desde esse início, as escolhas do enunciador investem de valores positivos os comunistas, conferindo-lhes a dimensão da coragem, atributo indispensável à competencialização do herói: “grande valentia e qualidade pessoal”, “hercúlea resistência”, “aura mítica”, “nuances epopeicas”. Essa introdução serve ainda para situar no plano temporal os acontecimentos que serão narrados e que dizem respeito ao prenunciado momento “final”.

Os militares principiaram suas investidas aos três acampamentos dos militantes do PCdoB no Araguaia em 1972, com a chamada Operação Papagaio. A ela se seguiram a Operação Sucuri e, por fim, a Operação Marajoara, que dizimou os últimos sobreviventes. Finalizado o combate, seguiu-se a Operação Limpeza, que teve como propósito apagar os rastros do acontecimento. Nos anos seguintes, consolida-se o período de uma “guerra que veio depois” e que autores como Abílio Pachêco, com *Em despropósito (Mixórdia)* tematizam na produção literária (SILVA; FIGUEIREDO; SANTOS, 2021).

O insucesso das primeiras ações militares diante de um número pequeno de rebeldes, estes com poucas armas, malvestidos e mal alimentados, fez com que crescesse a admiração pelos comunistas, que gozavam de simpatia dos moradores pela amizade do período em que estavam clandestinos na região. Resulta também da solidariedade construída por ações como a de assistência médica, levando em conta que a população do Norte de Goiás se encontrava totalmente desassistida do poder público, numa área de fronteira em que circulavam trabalhadores rurais, posseiros, garimpeiros, castanheiros, indígenas. Para amear adesão a sua causa, militares empreenderam a Operação Aciso, com ações elementares como a de registros de nascimento e vacinação.

Osvaldão chegou à região em 1966 e foi o responsável pelo Destacamento B, próximo ao rio Gameleira, no povoado de Santa Cruz, Pará. Com quase dois metros de altura e calçando 48, torna-se de imediato uma figura impressionante para os moradores do lugar. Moraes e Silva relacionam ainda os muitos saberes e ocupações de Osvaldão:

Instrutor de combate na selva, Osvaldão desfruta de liderança incontestada entre os companheiros. Gosta de falar, cozinhar e ajudar os amigos. Viveu muito tempo na mata, trabalhou em garimpos e fazendas. Foi mariscador, tropeiro, garimpeiro e pescador. A figura do gigante negro e prestativo fez fama no Araguaia. (MORAIS; SILVA, 2005, p. 99-100)

Um primeiro elemento a caracterizar a condição do herói seria sua singularidade suas feições físicas, salientadas pelo relato do menino João que compartilha as informações sobre a guerrilha advindas do avô:

Chamava atenção, diz meu avô, pelo enorme tamanho, quase uma centenária castanheira.

[...]

— É um negro enorme — dizia-me João, um colega, no ônibus que nos levava cedinho de casa à escola. E olhava entre os muitos presentes, procurando entre brancos e negros alguém próximo de seu tamanho. Arrematava logo com desânimo: — Ninguém aqui é como ele. E não é porque são estudantes a maioria — defendia-se. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p).

Um segundo aspecto é que o herói vence provas adversas, estas representadas pela incapacidade de os milhares de militares derrotarem o pequeno contingente de comunistas. O herói é, afinal, o que vence batalhas e isso se explicaria ainda pelos dons sobrenaturais que a população atribuía a Osvaldão. Segundo ainda o primeiro conto, os próprios militares serviam para reforçar essa natureza sobrenatural de Osvaldão, como justificativa para o insucesso de suas investidas.

Ditadura em seus confortáveis gabinetes em Brasília que mais de cinco mil homens farejavam como cães de caça até a exaustão a região do Bico do Papagaio e a serra das Andorinhas e não tinham notícia alguma de Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão? Adiantava dizer que ele se fundia com a floresta, transformando-se em árvore ou pedra tal a facilidade com que desaparecia quando perseguido pelos mateiros e o exército? Piores ainda eram as baixas que infligia ao exército, vergonhosas do ponto de vista militar, pois sabiam que o inimigo estava faminto, mal armado e quase morto. Devia rir num justo riso vingativo a cada vexame das forças nacionais, como um saci executando suas traquinagens. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

Nos boatos que se sucediam sobre a bravura de Osvaldão, este mimetiza-se com a floresta, transmuta-se em árvore ou animal, agigantando-se a cada narrativa o seu tamanho (SILVA, 2016). O narrador compara-o a um saci, divindade de floresta, enquanto vemos em outros relatos que era confundido como Curupira, ao dizerem que calçava os sapatos ao contrário para despistar soldados e mateiros em seu encaço. As associações com entidades da floresta, Saci, Curupira e Caipora atestam a incorporação do herói a entidades de matriz indígena, defensores da mata, com poderes sobrenaturais.

Tendo sido um dos primeiros a chegar à região e mediante as experiências com diferentes formas de trabalho, habituara-se à vegetação densa, ao regime de chuvas, tendo adquirido saberes como o de enfrentar animais e resistir a doenças e enfermidades, além de ter adquirido a competência de misturar-se com a mata, confundindo os que o perseguiram.

No segundo conto, acentua-se o poder intimidador de Osvaldão sobre os soldados que, às vésperas de uma batida na mata, recorriam à enfermaria como último recurso para fugir ao embate com o mito, inventando doenças. Num grande parágrafo, num fôlego só, seguem as façanhas sobre Osvaldão contadas pelo personagem João, menino entre meninos:

O homem vira toco de árvore no meio da floresta. E parece velho de estar ali, até musgo aparece do lado que batem o vento e a chuva. Até orelha-de-pau dá de sugerir morte antiga. E podem metralhar desesperadamente o toco que ele

não sangra. Os soldados podem ensandecer, gritando e atirando, para descobrir qual dos muitos tocos que encontram durante a perseguição é Osvaldão. [...] Mas ninguém vê Osvaldão, ainda que alce as vistas para a copa das árvores, que o perigo é onipresente na floresta. Osvaldão tem também a faculdade de se fazer mutum e ficar ali num galho qualquer exibindo a beleza de sua plumagem negra, indiferente ao frenesi que reina no chão. [...] Mas Osvaldão está ali, fundido ao barranco parece grossa raiz exposta pela erosão, ou ainda uma mancha escura de cascalho incrustado no barranco da margem. Quando os homens do exército se cansam de buscá-lo e vão embora exaustos e desmoralizados, ele se levanta, bate a sujeira da roupa e sai pela mata andando tranquilamente como se qualquer rumo levasse a sua casa. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

Osvaldão faz-se invisível, transformado em toco de árvore, incorporando no imaginário coletivo as capacidades oferecidas pelos encantados. Como ser divino da floresta, esta é sua cúmplice a torná-lo invisível e imbatível, desmoralizando soldados que batem em retirada.

É essa perspectiva de incorporação do universo sobrenatural que, no terceiro e último conto, será objeto agora de análise pelo próprio narrador que reflete sobre os relatos que ecoa. JJ Leandro associa, então, a figura mítica de Osvaldão ao personagem Mackandal, do romance *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, texto convencionalmente reconhecido como fundador do realismo mágico latino-americano. Mackandal, o herói da luta pela libertação do Haiti, também se transforma em outros seres, de modo surpreendente, confundindo os inimigos.

Mas a tonicidade das bravuras do herói brasileiro se esmaece então, com a morte quase não sentida pelos moradores mais atentos às partidas de futebol em uma Copa do Mundo:

Mas na ocasião, e o mistério alimentou-se do silêncio, todos os ouvidos se colavam aos radinhos de pilha que transmitiam as partidas amistosas da seleção. Qualquer outra notícia, por mais espetacular que fosse, desinteressava. Para nós o clima inverosímil de notícias mal acolhidas nos intervalos das transmissões das partidas, de leituras de revistas e jornais que chegavam com atraso estampando o penoso avanço do treinamento do time de Zagalo sem deixar espaço para mais nada, apontava para o irrefutável: ele permanecia vivo. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

Apenas os meninos parecem sentir a súbita orfandade, procurando entre as muitas notícias da seleção de Zagalo informações sobre Osvaldão. Se seus restos mortais jamais foram encontrados, os meninos da narrativa atribuem-lhe a capacidade agora de transformar-se em milho, frutificando no solo amazônico. Estaria aí a última e grande performance do herói:



Por isso, desdenhando e sorrindo dos soldados e mateiros que farejavam há tempos seu rastro inconfundível de desmesurado tamanho, obrou o disfarce mais inusitado até então: caiu ao solo feito grão de milho como os muitos caídos por ali nos repastos dos bichos do mato. Brocou a terra, protegendo-se no escuro silêncio do fértil húmus; buscou anoitecer em pleno dia; hibernando no seio do solo a violência humana, transmudado pelas chuvas próximas, tornaria à luz livre, pacífico, feito verdes hastes que alimentariam o povo pobre do sertão. (BEZERRA JÚNIOR, 2022, s/p)

Embora JJ Leandro associe o herói negro ao emblemático personagem do realismo mágico latino-americano, Mackandal, incorpora, como sujeito que enuncia, a partir de uma inscrição de seu pertencimento a essa região de fronteira Norte/Nordeste, a figura dos “encantados”, aproximando-se do que teóricos pós-coloniais chamam de “realismo animista” ao tratarem das produções literárias de autores africanos. Essa classificação, a nosso ver, poderia ser atribuída a produções literárias que bebem nas fontes da cultura afro-brasileira, como a que se apresenta aqui no texto de JJ Leandro, o que significa, ainda, incorporar elementos culturais de matriz indígena.

Para pesquisadores como Paradiso (2020), a denominação “realismo mágico” serviria a um viés colonial que ignora o modo de funcionamento das culturas africanas. Paradiso defende a denominação realismo animista, introduzida por Pepetela no romance *Lueji*, quando, num diálogo dos personagens, essas questões são tematizadas:

Tal estranheza produzida no leitor não africano é fruto de uma educação religiosa linear, advinda do imaginário judaico cristão. Essa linearidade (bem e mal, criação e destruição, gênese e apocalipse, céu e inferno, nascimento e morte, etc.) facilita a polarização, e consequentemente uma cisão: vida religiosa (sagrada) e vida secular (profana). Contudo, no universo religioso africano, que basicamente é cíclico, não há bruscas cisões, tampouco uma separação clara entre vida religiosa e vida secular –uma se completa na outra. (PARADISO, 2020, p. 108)

Reconhecemos, assim, na incorporação de formas de compreensão do real/sobrenatural de sujeitos de terras amazônicas e nordestinas uma cosmovisão permeada por outras matrizes culturais que não as europeias, cruzando saberes africanos e indígenas, para os quais o sagrado atravessa o profano, sem separações precisas, como um contínuo. Osvaldão não morre; vira encantado.

Presente nas religiões de matriz africana e indígena, a figura dos encantados, conforme Venâncio, “designa seres humanos que teriam vivido na Terra e foram para outro plano sem experimentar a morte.” (VENÂNCIO, 2019, p. 15). Constituem-se, conforme a pesquisadora, como presenças mediadoras entre religiões afro-brasileiras e indígenas. Sem sofrer a morte, os encantados são sujeitos que se transmutam em

elementos da natureza ou, ainda, os que passam a viver num reino especial, o da encantaria.

O herói, portanto, como último grande feito, depois da última prova, é o que transcende a morte. Se não virou milho para alimentar a gente pobre do sertão, ao menos tornou-se alimento para o imaginário do Araguaia como bravo guerreiro que sonhou outros rumos para nossa história, revivendo em cada relato que o presentifica no exercício da enunciação da memória.

Esse “fim” dado ao herói pelo narrador ignora a visão do corpo de Osvaldão exibido de um helicóptero por militares. Não retoma a cena que seria gloriosa para os que defendiam o regime de terror e mostravam a cabeça do comunista como prêmio e estratégia de intimidação. JJ Leandro acolhe a perspectiva dos encantados e de um herói que nunca morre.

### **Considerações finais**

JJ Leandro prefigura o narrador que dá testemunho dos acontecimentos do Araguaia sob a perspectiva da gente do lugar. Tendo vivido na infância os anos mais intensos da ditadura na região, só sabe dos protagonistas atores implicados na guerrilha pelas vozes de outrem. São essas vozes que se multiplicam, confundem, tiram e acrescentam elementos a partir de diferentes estratégias enunciativas. Como enunciador, tematiza aqui e ali a verossimilhança dos relatos, a confiabilidade dos narradores, os possíveis acréscimos e diminuições. O que testemunha é o impacto das muitas narrativas que traduziam e traduzem para quem não estava/esteve lá, no centro das ações, sentidos que vão construindo um imaginário da população sobre a guerrilha.

Se a censura impossibilitava o registro na imprensa, deixando alheio o país com relação ao que ali acontecia, não conseguia silenciar que os moradores da região narrassem, ainda que o fizessem clandestinamente. Pela gravidade do terror que se abateu sobre eles, alguns ainda hoje temem dizer o que viram e sofreram, sem confiar que a democracia e suas instituições sejam confiáveis o suficiente para escaparem de possíveis sanções.

A presença de agentes na região como o major Curió atesta que têm razão para temer. O contexto atual tem elementos suficientes para reforçar essa imagem de fragilidade democrática e temor de novas sanções. Pois é neste momento de fragilidade democrática que narrativas como a de JJ Leandro ganham relevância, sobretudo porque

traduzem a perspectiva da gente do lugar sobre os acontecimentos e o modo como ela ainda reverbera.

Em visita a Xambioá em março de 2022, o então presidente da República assume a perspectiva dos militares: “Estou em uma cidade que marcou em 1973 a luta do bem contra o mal. O bem venceu. Derrotamos os comunistas, aqueles que queriam fazer do Brasil uma Cuba.” (GOMES, 2022, s/p). A fala estratégica do presidente reitera a persistência de uma guerra de narrativas que dão forma aos sentidos sobre o passado. Nessa disputa, o sujeito escritor pode-se resguardar-se no silêncio, pode parafrasear a história dos “vencedores” ou, como JJ Leandro, tomar partido das vozes que ecoam a resistência e que trazem como valor a verdadeira luta pela democracia.

### Referências

- BERNARDES, C. *Xambioá: paz e guerra*. Goiânia: AGEPEL; Instituto Brasileiro de Cultura, 2005.
- BEZERRA JÚNIOR, J. L. *Quase ave*. Goiânia: IGL; AGEPEL, 2002.
- \_\_\_\_\_. Osvaldão – Parte II. In: RAMOS JUNIOR, D. V.; SILVA, L. H. O. (Org.). *Contos da guerra do Araguaia*. No prelo, 2022, s/p.
- \_\_\_\_\_. Osvaldão O fim. In: RAMOS JUNIOR, D. V.; SILVA, L. H. O. (Org.). *Contos da guerra do Araguaia*. No prelo, 2022, s/p.
- \_\_\_\_\_. Uma guerra contra nós. In: RAMOS JUNIOR, D. V.; SILVA, L. H. O. (Org.). *Contos da guerra do Araguaia*. No prelo, 2022, s/p.
- CABRAL, P. C. *Xambioá: guerrilha no Araguaia*, novela baseada em fatos reais. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- COQUIO, C. L'émergence d'une « littérature » de non-écrivains: les témoignages de catastrophes historiques. *Revue d'histoire littéraire de la France*, v. 103, n. 2, p. 343-363, 2003.
- GRAMMONT, G. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. 2 ed. São Paulo: 34, 2009.
- GOMES, L. *Em Xambioá, Bolsonaro ressalta pauta conservadora, alfineta PT e responsabiliza pandemia e guerra pela alta dos alimentos e do combustível*. Portal do Cleber Toledo, 22 mar. 2022. Política. Disponível em: <https://clebertoledo.com.br/politica/em-xambioa-bolsonaro-ressalta-pauta-conservadora-alfineta-pt-e-responsabiliza-pandemia-e-guerra-pela-alta-dos-alimentos-e-do-combustivel/> Acesso em: 19 jun. 2022.
- GOENDER, J. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2014.
- GREIMAS, A. J. *Maupassant – la sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris: Seuil, 1976.
- LACOSTE, C. L'invention d'un genre littéraire: temoins de Jean Norton Cru. *Texto!* v. XII, n. 3, 2007. Disponível em: Acesso em: 2 de jun. 2022.
- LISBOA, A. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- MORAIES, T.; SILVA, E. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

- PARADISO, S. R. O realismo animista e as literaturas africanas: gênese e percursos. *Interfaces*, v. 11, n. 2, p. 97-112, 2020.
- RASTIER, F. Témoignages inadmissibles. *Littérature*, n. 159, p. 108-129, 2010.
- SILVA, L. H. O.; FIGUEIREDO, C. A. S.; SANTOS, J. S. História e ficção no romance *Em despropósito (Mixórdia)*, do escritor paraense Abílio Pachêco. *Revista Fermentum*, v. 31, n. 91, p. 457-480, 2021.
- SILVA, L. H. O. Ecos de la dictadura en las memorias de Angelo Bruno. *Escritas: Revista do Curso de História (Araguaína)*, v. 12, n. 2, p. 230-256, 2020.
- SILVA, L. H. O. Histórias de vacinas, em José Francisco Concesso: reflexões semióticas em torno da literatura no Tocantins. *Revista São Luís Orione*, Araguaína, v. 1, n. 15, p. 1-12, 2020.
- SILVA, L. H. O. Narrativas do tempo da noite: a literatura de testemunho em Pedro Tierra. *Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-20, 2020.
- SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Orgs.). *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg*. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.
- TIERRA, P. *Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo*. São Paulo: Autonomia Literária; Fundação Perseu Abramo, 2019.
- TIERRA, P. *Poemas do povo da noite*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Publisher, 2009.
- VENÂNCIO, S. O. C. *A religião dos encantados como mediadores culturais no norte do Tocantins*. 2019. 251 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2019.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

*Artigo recebido em 19 de junho de 2022. Artigo aprovado em 25 de agosto de 2022.*